



Resenha de filme: *Um Divã para Dois*

Um Divã para o Amor

*Luiz Carlos Mabilde**

* Psiquiatra e Psicanalista.

Era primavera na cidade de Oklahoma e a noite parecia trazer certa esperança para Kay. Ela ajeita seus cabelos, alimenta-se de um leve sorriso e vai até Arnold. Volta para seu quarto arrasada, pois sua tentativa de recuperar o contato, o sexo, em seu casamento de trinta e um anos, fracassara completamente. Arnold apenas dissera que não se sentia bem após o jantar. Aliás, ele tem sido assim em tudo. Irritado, queixoso, fixado nas questões financeiras. Nada que não expresse sua contrariedade ou autoritarismo torna-se objeto de seu afeto. Quer dizer, parecem ser sinais dos assim denominados equivalentes depressivos. No monitor de sua TV, um professor de beisebol ensina como o aluno deve segurar e movimentar o taco para uma boa rebatida, cena que sugere algum tipo de impotência sexual de Arnold. Há cinco anos vivem em quartos separados e sem nenhuma relação sexual! A tomada de decisão sobre os quartos fora consequência de um acidente que machucou a coluna vertebral de Arnold, em outra alusão à questão da impotência.

Kay é Kay, mesmo ao tentar deixar de sê-la. Ela lembra aquele tipo de mulher reprimida por dois interiores: o da cultura provinciana, reacionária, de sua cidade e o da repressão intrapsíquica contra sua inexplorada sexualidade. Daí – ante sua crescente angústia – a busca do livro de autoajuda e, a seguir, de um terapeuta de casais. Kay sabe da batalha que terá pela frente por tal proposição, mas lá está ela oferecendo, em um prato (órgão genital feminino), uma fatia comprida de bacon disposta entre dois ovos (órgãos

genitais masculinos) para o café da manhã de Arnold, ignorante dos desafiadores ingredientes que o aguardam. A manhã toma seu inevitável itinerário de luz e, a seguir, não há nada de obscuro em entender como defesa a rotina obsessiva do trabalho de cada um. Kay vende, Arnold audita. Para quê? Terminado o dia, a noite começa e se encerra como um marca-passo: bem no horário e sem a menor inspiração!

De fundo, sucedem-se canções evocativas de afeto e romantismo, tal como se esforçassem em emprestá-los ao deprimido casal.

Como era previsível, Arnold desdenha e se recusa a participar da ideia de salvar o casamento através de um psiquiatra, mas entra em surto de solidão tão logo vê sua mulher bater a porta rumo ao aeroporto. Sem alternativa ante seu mal súbito e a resoluta Kay, chega a tempo de acompanhá-la até a uma cidade do interior de Maine, local do programa terapêutico.

Comparecem às sessões de terapia com o dr. Bernie Feld, Arnold tentando de tudo para boicotá-las. Não conseguindo, são expostas inibições sexuais de ambos, dando conta da intensa repressão responsável por seu drama. Kay, por exemplo, aponta para o jeito crônico, mecânico e estereotipado de Arnold de fazer sexo, incapaz de olhá-la nos olhos durante as relações sexuais. Arnold retruca ao protestar contra o repúdio com que sua mulher sempre encarou a prática do sexo oral, assim como destaca sua acomodação se não era procurada sexualmente.

Além da conturbada terapia, tentam exercícios de reaproximação conjugal, em parte difíceis, em parte frustrantes. Nos intervalos, andam pelas ruas. Arnold toma o rumo da praia e dá para sentir o homem prisioneiro de si mesmo. Olha o mar, avista os pontiagudos postes de luz e a prisão de Alcatraz ao fundo. Kay chega a um bar, bebe e ri junto dos homens que nunca teve em sua vida. Porém, os últimos acontecimentos invertem os papéis. E há Bernie, imperturbável, objetivo, mas também humano o suficiente para, na última sessão, acentuar para Arnold o tamanho do sofrimento de sua mulher. Sim, seu paciente comparecera sozinho para encerrar o tratamento. Afinal, nada mais havia a fazer. Perdera a ereção ao fixar os olhos de Kay, justamente no último dos exercícios, em um fino quarto de hotel, onde não faltara a chama da lareira, música, champanhe e caviar. Fracassaram. Era o fim. Já em casa, a antiga rotina se instala, mas a cena seguinte mostra as malas feitas de Kay prontas para a iminente despedida, até que surge Arnold.

Vem resoluta, como se deixasse a depressão e regressão anal no seu quarto, no dinheiro, nos números, para trás. Vem lutar pelo seu amor por Kay, demonstrá-lo como nunca fizera antes. Seu olhar, tal como o abraço e beijo, é fortemente caloroso e é para ela mesma. Descobre a doação, o coração. Esquece a mãe, a ereção. Declara-se, entrega-se, flui seu sangue, ao penetrar Kay, numa comoção que até então desconheceria. Sente, no orgasmo,

Kay como sendo sua própria vida e o dela como parte de si mesmo. Não a perdeu graças a Kay e a 'Maine', retranscritas pelo indefectível Bernie.

Casam-se, novamente, ali mesmo, na praia onde todos sonharam com não morrer em vida, se sucesso tivessem em recuperar a única coisa pela qual a vida vale a pena, tornando-a perfeita para ser vivida com alegria e paixão.

Sim, ali estava resgatado o grande amor de cada um deles, dançando um com o outro sobre o imenso tapete de areia macia. Nele, encontraram uma espécie de divã para o amor, para o qual se comprometeram voltar em um ano para a devida revisão.

Correspondência

Luiz Carlos Mabilde

Rua Tobias da Silva, 99/303 - Moinhos de Vento

90570-020 - Porto Alegre/RS, Brasil

E-mail: mabilde@terra.com.br

